

CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM PROL DO ENSINO DA LINGUAGEM ARTÍSTICA E IDENTITÁRIA NA ESCOLA

Raimundo Romão Batista

Professor L. Portuguesa EEM Senador Fernandes Távora – Ereré – CE
SEDUC/CE
romao87@hotmail.com

Maxilon Rufino da Silva

Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Dinâmica Territoriais no Semiárido-PLANDITES/UERN
maxiloneu@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma análise feita sobre o ensino da Cultura Afro-brasileira e Indígena na Escola de Ensino Médio Senador Fernandes Távora, localizada no município de Ereré – CE. Essa análise foi feita à luz da aplicação da orientação dada pela Lei 10.639 de 2003, que torna obrigatório o ensino da Cultura afro-brasileira em todas as disciplinas do currículo da educação básica. Essa lei foi reformulada pela Lei 11.645 e 2008, que passou a incorporar na obrigatoriedade o ensino da cultura indígena. Para tanto foi desenvolvido um projeto na escola que visava propor práticas inovadoras na abordagem do tema. Durante aplicação do projeto foi feito um breve diagnóstico, que constatou diversos empecilhos para o desenvolvimento da temática assegurado pela legislação. Dentre as principais referências bibliográficas, destacamos Bakhtin (2003), Marcuschi (2003), Borges (2015). Foi realizada ainda uma pesquisa que se caracterizou como exploratória, descritiva e estudo de caso, já quanto a abordagem se classificou como qualitativa. Para atender ao propósito deste estudo, a pesquisa foi do tipo censitária, sendo os dados coletados no ano de 2015.

Palavras-Chave: Cultura Afro-brasileira-Indígena; Ensino; Inovação.

1.INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem requer dos nossos docentes um constante dinamismo, procurando metodologias que possam tornar o ato de aprender em algo mais interativo e atrativo. Uma das dificuldades vivenciadas em várias instituições da educação básica é inserir na proposta curricular a Cultura Afro-brasileira e Indígena e abordá-la realmente, não ficando apenas no “papel”.

Sabemos como é difícil a abordagem da temática, mas já temos leis que tornam obrigatório um trabalho sobre o assunto em todas as disciplinas da escola. Segundo Borges (2010), foi a partir da Lei 10.639 de 2003, que o ensino da História e Cultura afro-brasileira e africana na educação básica se tornou obrigatório, servindo como mais um meio de valorizar a contribuição cultural dos

povos africanos para a identidade nacional. Vale ressaltar que os professores de História e Geografia já lecionavam aspectos envolvendo a temática, mas a intenção era expandir para outras disciplinas que compõe o currículo da escola.

Por outro lado, uma avaliação mais aprofundada dos fatores que condizem com nossa cultura, percebe-se que os negros não são os únicos responsáveis pela atual conjuntura cultural brasileira, os povos indígenas também têm um legado histórico importantíssimo e que precisa ser levado em consideração em todos os momentos de nossa vida.

Assim, tentado rever a situação e incluir aspectos referentes aos povos indígenas, em 2008, a lei anterior passou por uma reformulação e passou a vigorar a 11.645/2008. Fato esse que evidenciava que as escolas além de abordar o legado cultural dos povos africanos, precisavam realizar também um trabalho voltado para as questões que envolvessem os índios.

Podemos notar que a abordagem da temática é descrita em caráter obrigatório, no entanto, não são oferecidas condições viáveis aos docentes para a introdução do assunto no decorrer das aulas. A falta de materiais e formação para os docentes são alguns dos empecilhos enfrentados pelas diversas instituições de ensino.

Assim, o presente artigo procura analisar a situação do ensino da Cultura Afro-brasileira e Indígena na escola e, posteriormente, apresentar metodologias que possam tornar possível à abordagem da temática em todas as disciplinas.

2. OBJETIVO E QUESTÃO PROBLEMA

A pesquisa pretende analisar e apresentar propostas metodológicas que viabilizem o ensino da Cultura Afro-brasileira e Indígena nas escolas, permitindo aulas atrativas e que aprimorem o saber cultural dos nossos discentes. Mas será que usar a diversidade de gêneros textuais e linguagens tornará a abordagem significativa e condizente com o ideário de reconhecimento e valorização cultural?

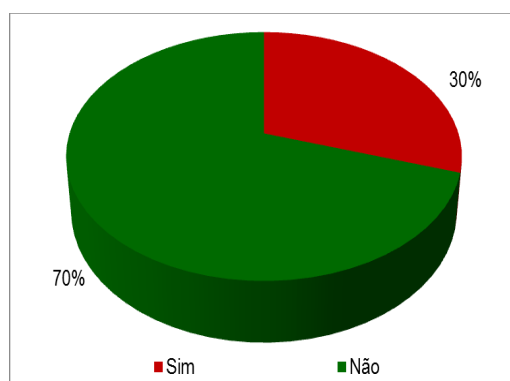
3. DESCRIÇÃO DE MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa apresentada foi idealizada e está sendo devolvida no município de Ereré-CE, que conta mais ou menos 7.013 habitantes segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2014), sendo a distância para a capital Fortaleza de 322 quilômetros.

O desenvolvimento do projeto teve início na Escola de Ensino Médio Senador Fernandes Távora, uma instituição pública e que comporta somente alunos do Ensino Médio. A intenção da pesquisa era analisar as condições de ensino da Cultura Afro-brasileira e Indígena e, posteriormente, apresentar alternativas de aulas e atividades que pudessem ser aplicadas, sempre procurando valorizar aspectos que estão relacionados à identidade nacional.

Com o intuito de compreendermos mais acerca da temática, realizou-se uma pesquisa bibliográfica envolvendo pontos primordiais sobre cultura e identidade, as linguagens e os gêneros textuais. Posteriormente, aplicamos questionários com docentes e discentes da escola mencionada acima, buscando dados que reflitam as condições de ensino desta linguagem de cunho identitária. Os dados adquiridos serviram para a construção dos gráficos abaixo. Os gráficos 01 e 02 abordam algumas questões a partir da percepção do público discente e os gráficos 03 e 04 apresentam a perspectiva dos docentes da instituição.

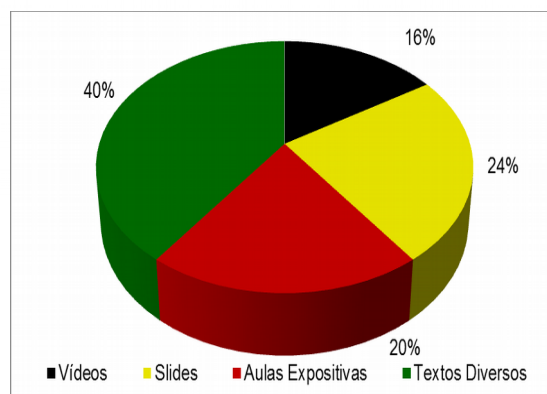
Gráfico 1 – Abordagem da Cultura Afro-brasileira e Indígena em todas as disciplinas.



Fonte: Dados dos Pesquisadores, 2015.

O gráfico 01 (um) demonstra que os discentes não tiveram aulas enfocando a Cultura Afro-brasileira e Indígena em todas as disciplinas, afinal temos uma disparidade entre sim e não. Dessa forma, precisamos nos preocupar que o ensino da temática é parte importante no processo de compreensão da história cultural que nos cerca. Já o 02 (dois), deixa evidente que os docentes que tiveram uma preocupação maior com o ato de lecionar aspectos desse conteúdo, utilizaram como recursos textos diversificados e aulas expositivas.

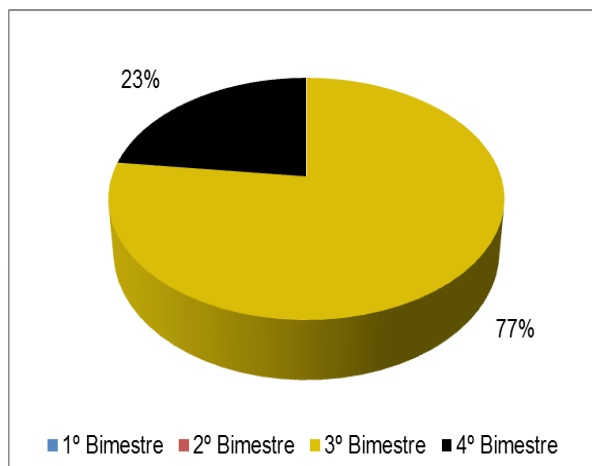
Gráfico 2 – Recursos Didáticos Utilizados



Fonte: Dados dos Pesquisadores, 2015.

A partir do gráfico 02 (dois), notamos que os professores que tentam abordar a Cultura Afro-brasileira e Indígena na escola, utilizam textos diversificados com um recurso de apoio ao ensino da temática. A segunda alternativa mais usada são os slides, que permitem visualizar imagens e realizar discussões mais aprofundadas. No entanto, os docentes ainda necessitam de outras práticas didáticas para tornar o ensino cultural mais qualitativo e, conseqüentemente, mais atrativo para os discentes.

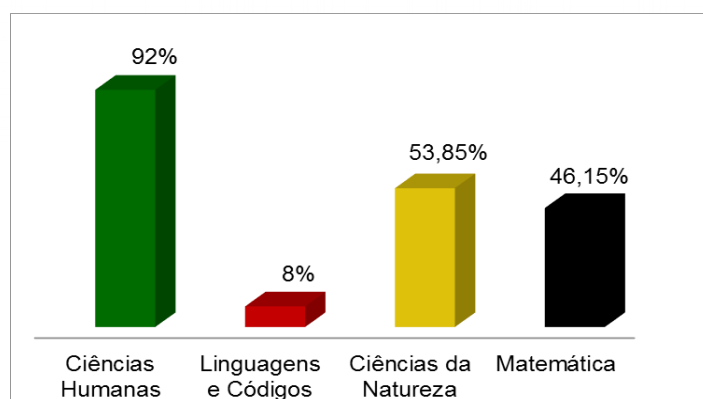
Gráfico 3 – Bimestre em que a culturas afro-brasileira e indígena é trabalhada



Fonte: Dados dos Pesquisadores, 2015.

Ao seguirmos a análise dos gráficos, percebemos que o gráfico 03 (três) evidencia que a maioria dos docentes trabalha a Cultura Afro-brasileira e Indígena no terceiro ou quarto bimestre. Mas a verdade é que os docentes preferem realizar as atividades mais no último bimestre por está mais perto do dia Consciência Negra, que é comemorado em 20 de Novembro.

Gráfico 4 – Áreas do conhecimento fáceis e difíceis para abordar a Cultura Afro-brasileira e Indígena



Fonte: Dados dos Pesquisadores, 2015

Já o gráfico 04 (quatro) nos permitiu perceber que na visão dos docentes a área de conhecimento que os professores acreditam ser mais fácil abordar o tema é em Humanas e a que apresenta maior dificuldade de abordagem é Ciências da Natureza, seguido de Matemática.

Assim, os dados tabulados serviram de base para a realização de um trabalho interdisciplinar, no qual todas as disciplinas devem fazer um trabalho conjunto em busca de um único objetivo: a valorização e recolhimento da cultura africana e indígena nas instituições de ensino.

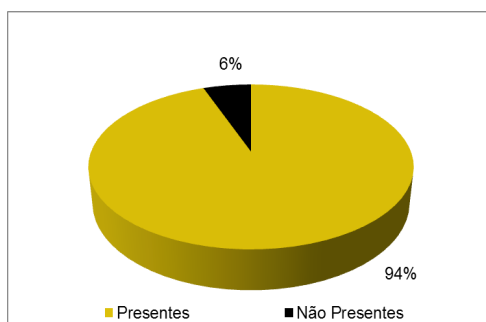
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dos estudos bibliográficos e da construção dos gráficos por meio da aplicação de questionários com alunos e professores, iniciamos um trabalho interdisciplinar de implantação da Cultura Afro-brasileira e Indígena em todas as disciplinas, sendo este trabalho iniciado na Escola de Ensino Médio Senador Fernandes Távora, Ereré-CE.

A primeira ação desenvolvida e que teve um êxito considerável foi a aplicação da oficina “A cultura respira quando não é esquecida”, que foi realizada nas 07(sete) turmas da referida escola. Nessa atividade, os alunos tinham aulas sobre os diversos gêneros textuais e também acerca da diversidade de linguagens, conheciam mais sobre a cultura africana e indígena e depois deveriam expor a aprendizagem por meio de gêneros textuais e qualquer manifestação da linguagem, que segundo Bakhtin (2003), a linguagem é histórica, social e ao mesmo tempo ideológica.

Todos os trabalhos desenvolvidos nessa oficina foram condensados em um pequeno livro, contendo principalmente vários gêneros textuais, contemplando a criatividade e empenho dos discentes na produção dos mesmos. A maioria dos gêneros produzidos aborda um pouco da vida dos negros e índios em nosso país. Afinal, conforme Marcuschi (2003), os gêneros textuais são diversidades de textos existentes nos ambientes discursivos e que tem uma finalidade sócio-comunicativa. Tivemos assim, em dados numéricos, o seguinte resultado:

Gráfico 5 – Participação dos alunos na Oficina "A Cultura Respira Quando Não é Esquecida.



Fonte: Dados dos Pesquisadores, 2015.

Assim, percebemos que a oficina foi de suma importância para compreendermos mais aspectos acerca da diversidade de linguagens e gêneros textuais, teve uma participação considerável de 94% e permitiu que os discentes expressassem suas visões e que estas fossem registradas como marca da identidade cultural, que na visão de Hall (2002) está em constante mudança conforme os momentos sociais e históricos.

Outra atividade desenvolvida pelos professores está relacionada à preocupação com as provas internas e externas como o Sistema Permanente de Avaliação da Educação do Estado do Ceará (SPAECE) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), no qual pesquisamos e montamos vários simulados com o intuito de melhorar o nível de leitura e também o processo de compreensão textual.

Além disso, desenvolvemos propostas de redação, sempre interligando com a temática vigente do projeto, por exemplo, usando as seguintes temáticas: “A violência racial: uma atitude destrutiva da dignidade humana” e “O índio e preservação do espaço físico e cultural”. As propostas de redação mencionadas acima foram aplicadas nas turmas de 3ª séries (A e B), em um total de 56 alunos, tendo como resultado positivo uma participação de 90% dos discentes a partir do número

real já apresentado. Percebemos evidentemente uma busca pela melhoria dos resultados em provas externas, principalmente, na prova de redação.

A produção dos textos permitiu que diferentes alunos abordassem seus posicionamentos sobre os conceitos de identidade, que está em crise tendo como causa as mudanças sociais e, dessa forma, é marcada de instabilidade (BAUMAN, 2005).

O projeto também procurou tornar o processo de ensino da Cultura Afro-brasileira e Indígena mais atrativa para os discentes, permitindo que estes participassem mais durante os momentos de aula. Assim foram idealizados e construídos jogos educativos de caráter interdisciplinar, que é um dos aspectos que deve nortear o ensino conforme (PCNs, 1998). Notou-se, que mediante os jogos usados (de trajeto e da memória), os alunos participaram mais da aula e conseguiram adquirir algumas informações imprescindíveis sobre o tema em questão.

Além das ações já mencionadas, o projeto permitiu um diálogo com os professores da escola e com isso foram construídas diversas sequências didáticas para serem usadas em sala de aula. A tabela tem como base os 13 (treze) professores que lecionam na referida escola.

Tabela 01-Número de professores que abordou a Cultura Afro-brasileira e Indígena em suas aulas

ANO LETIVO	Nº de Docentes	CRESCIMENTO %
2014	06	-
2015	13	116%

Fonte: dados dos pesquisadores 2015

Pode-se notar uma mudança significativa em relação à abordagem do conteúdo cultural em sala de aula, comparando o ano de 2014 com o de 2015, pois a maioria dos docentes aplicou as sequências didáticas nas aulas, permitindo que o assunto pudesse ser abordado em todas as áreas de conhecimento. Assim, a construção das sequências didáticas contribuiu para que os professores tivessem um material de apoio para as aulas e tornasse o processo de ensino mais abrangente e conforme os posicionamentos das disciplinas que lecionam.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto sobre o ensino da Cultura Afro-brasileira e Indígena representou, através das diversas ações desenvolvidas, uma valorização da nossa identidade nacional.

Além disso, proporcionou aulas diferenciadas e atrativas para os discentes e docentes envolvidos neste trabalho em prol do reconhecimento e divulgação de elementos que regem a cultura brasileira, sempre por meio da diversidade de linguagens e gêneros textuais.

Assim, entendemos a relevância do trabalho realizado e, caso possível, pretendemos continuar na busca por alternativas que tornem o ensino de cunho cultural mais viável na educação básica. A pretensão de continuar esse trabalho está ancorada na possibilidade de explorar outras dimensões dessa temática tão importante. Nesse sentido, é possível vislumbrarmos outras perspectivas pedagógicas, como por exemplo, buscar entender como a comunidade escolar através de representante de outros segmentos, como os pais de alunos, concebem esta temática no seu cotidiano e nas suas relações sociais.

No entanto, somos conscientes de o quão desafiante ainda é implantar uma prática de ensino que promova a valorização de uma cultura tão rica e tão importante para formação do Brasil e ao mesmo tempo tão vítima do preconceito e da desvalorização, com resquício da nossa herança colonial. Sinalizamos, portanto, para a necessidade do incentivo e da busca constante por parte dos professores, mesmo estes ainda sendo penalizados pelos limites impostos pela deficiência material e pedagógica das escolas públicas em geral, e do poder público o ato de fazer cumprir a regulamentação imposta pela Lei 11.645 de 2008.

6. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso. Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BORGES, E. M. F. **A Inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica.** Disponível em: <http://www.uss.br/pages/revistas/revistaMestradoHistoria/v12n12010/pdf/05A_Inclusaodahistoriaculturaafro.pdf>. Acesso em: 05. mai. 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. 1998. **Parâmetros Curriculares Nacionais.**



VI Semana de
Estudos,
Teorias e
Práticas Educativas

VI SETEPE

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz T. da Silva E Guacira L. Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In; Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucena, 2003, p. 20-36.